

NO “CAMPO MINADO” DA FAVELA TURÍSTICA

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Touring Poverty*. Agawan: Routledge, 2013, 200p.

Lia ROCHA*

As favelas cariocas são objeto privilegiado para pensar diversos fenômenos sociais clássicos, como pobreza e desigualdade, dispositivos de gestão e controle social, movimentos sociais e violência urbana. Mas pensar as favelas na contemporaneidade significa também refletir sobre cultura e consumo de bens culturais, a expansão de novas fronteiras de mercado e novas modalidades de agenciamento criadas a partir dele, mobilidades transnacionais, entre outros temas. É sobre o imbricamento dessas diferentes dimensões, clássicas e contemporâneas, que se debruça o novo trabalho de Bianca Freire-Medeiros: *Touring Poverty* (2013).

Autora de trabalhos fundamentais sobre o fenômeno do turismo em favelas (entre eles o livro “Gringo na Laje”, de 2009),¹ e pesquisando o tema desde 2005, Freire-Medeiros se propõe a analisar neste livro como as favelas se tornaram uma mercadoria e um destino turístico a partir do contraste entre campos realizados no Brasil, na Índia e na África do Sul. O esforço comparativo se justifica pela atração das classes médias e altas dos países do Norte pelos espaços de pobreza localizados no Sul (o Sul Global, compreendido como os países 'em desenvolvimento'). A partir de especificidades locais observadas no trabalho etnográfico, Freire-Medeiros demonstra como as favelas (assim como os *slums* na Índia e as *townships* na África do Sul) e seus moradores são, para aqueles que não moram nesses lugares, a representação da pobreza e do exotismo, o que identifica e aproxima os contextos dos diferentes países.

Contudo, o turismo em favelas (e outros espaços de pobreza), cujos passeios são anunciados como *reality tours*, não é uma experiência simples de ser vivida, seja como observador ou como observado. E também não é um fenômeno simples de analisar. Assim, Freire-Medeiros analisa um objeto que, segundo a própria, pertence a um “campo moralmente minado”: a pobreza turística. Neste terreno, a autora se move entre

* Mestre em Sociologia e Antropologia (UFRJ) - Doutora em Sociologia (IUPERJ-UCAM). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, CEP: 20550-900, Rio de Janeiro, RJ - Brasil. E-mail: liarocha08@gmail.com.

as percepções e expectativas de operadores do turismo (agências e guias), turistas e moradores, buscando jogar luz sobre o que está em jogo para cada um desses atores. Dessa forma, busca superar as dicotomias que costumam dominar o assunto: bom/mal, justo/injusto, ativismo/exploração. Apesar de Freire-Medeiros identificar uma maior aceitação da favela como destino turístico pelo senso comum, este ainda é um fenômeno que causa grandes rejeições morais e que precisa ser defendido enquanto objeto de pesquisa. Esse mosaico de percepções sobre o tema fica evidente na pesquisa apresentada, que demonstra como o sentido dessa experiência está em disputa o tempo todo, seja nos passeios (ou *tours*), nas propagandas, na concorrência entre agências, nos *blogs* e diários de viagem, e também na percepção dos moradores.

Para dar conta dessa multiplicidade de experiências a autora realizou trabalho de campo em favelas onde o turismo é realizado nas cidades do Rio de Janeiro (Brasil, onde fez campo na Rocinha), Mumbai (Índia, na localidade conhecida como Dhavari), Cidade do Cabo e em Soweto, Joanesburgo (ambas na África do Sul). Ainda que existam muitas similitudes entre elas, a autora optou por dividir o livro em duas partes, dando à Rocinha (onde realizou uma longa pesquisa, mencionada anteriormente) destaque na análise.

Assim, na primeira parte do livro, intitulada *Attraction to poverty, Poverty as attraction* (Atração pela pobreza, pobreza como atração), Freire-Medeiros recupera o hábito dos ricos do século XIX de visitar espaços urbanos de pobreza, fenômeno característico do processo de urbanização e crescimento de grandes cidades como Paris, Londres e Nova Iorque. Esta prática, intitulada *slumming*, já continha os elementos que são hoje atrativos para os *poverty tours* de que trata o livro: o medo e a curiosidade causados por lugares exóticos, habitados por pessoas cujos meios de sobrevivência incluem atividades consideradas marginais. Mas, assim como hoje, o apelo desse tipo de atração também combinava o *voyerismo* sobre como vivem os pobres com um desejo de realizar atividades de caridade e filantropia, incentivados por campanhas que sensibilizavam as elites, e também a classe trabalhadora, a respeito da vida sofrida dessa população marginal.

A atualização da prática do *slumming* seriam, em certa medida, os *poverty tours* atuais, em que turistas das classes médias e altas dos países ricos do Norte, movidos pela mesma curiosidade combinada com filantropia e ativismo político, buscam através do turismo conhecer e experimentar a vida dos pobres e marginalizados dos países do Sul. Todavia, no momento atual, o turismo nos espaços de pobreza parece ser, segundo

os dados apresentados por Freire-Medeiros, muito mais carregado de teor político do que o observado no *slumming*. Agora, tanto agências de turismo quanto turistas justificam sua adesão a essa prática como uma forma de ativismo político, apostando na ideia de que a experiência é ferramenta poderosa para conscientizar sobre os graves problemas sociais que esses grupos enfrentam. Nos discursos que legitimam os *tours* em favelas, demonstram estar completamente cientes das rejeições morais ao turismo da pobreza e argumentam que a iniciativa não apenas aumenta o conhecimento e a solidariedade como promovem bem-estar e desenvolvimento aos locais visitados. As agências oferecem, e os turistas desejam, *tours* repletos de informações socioeconômicas e históricas, em que o contato com a população local (seja através de guias locais ou do contato com moradores) é um elemento que agrega valor ao produto.

Para pesquisar como turistas, agências e guias experimentam e justificam o turismo da pobreza na Índia e na África do Sul, a autora apresenta uma interessante proposta metodológica: ela se junta a esses grupos como turista, porém explicitando sua dupla condição de pesquisadora. Nesse processo, divide com os outros turistas (seus 'objetos' de pesquisa, mas também seus companheiros de viagem) questões analíticas da pesquisa, e recebe deles um retorno sobre suas interpretações. Esse diálogo direto com os 'pesquisados', que se estende para além das viagens em si e se desenvolve por *e-mails* e outras formas de comunicação, é dividido com o leitor, inclusive as discordâncias apresentadas pelos objetos/companheiros de viagem sobre as análises formuladas por Freire-Medeiros.

Já na parte II do livro, intitulada *Producing, circulating and consuming the touristic favela* ('Produzindo, circulando e consumindo a favela turística'), a autora se baseia em extensa pesquisa realizada na favela turística por excelência: a carioca Rocinha. Antes de levar o leitor à Rocinha, contudo, Freire-Medeiros contextualiza o surgimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro, e relata como elas sempre foram vistas como um problema (sanitário inicialmente, depois de polícia, de desigualdade e de segurança pública), mas também sempre atraíram a curiosidade da sociedade dita 'de bem'. Essa atração hoje se reflete na quantidade de filmes, livros e outros produtos culturais que têm na favela seu cenário e sua inspiração (com destaque para o filme *Cidade de Deus*), alguns deles produzidos por indivíduos e grupos que se identificam como 'de dentro'. Encontra eco também no que a autora chama de *travelling favela* (ou 'favela viajante', em tradução livre): casas de entretenimento, instalações artísticas e

peças de *design* que se autodenominam como 'favela' (ou 'da favela'), transformando as favelas em marca a ser consumida para além de seus limites geográficos.

É nesse contexto de 'mercantilização' da favela que se opera sua transformação em destino turístico. Mas cada localidade, como apresentado no livro, possui uma experiência diferente e oferece como produto aspectos diferentes. Assim, algumas valorizam sua história e sua cultura, enquanto outras têm como atrativo seu cenário, sobretudo a vista para o mar. Mas é na Rocinha que o livro se detém, por ser esta favela a experiência mais regular de turismo, iniciada quando o Rio de Janeiro foi sede da Conferência Internacional Eco-92. Mas foi somente em 2006 que a favela tornou-se destino turístico oficial, isto é, reconhecido pelo poder público como tal. As explicações para a escolha da Rocinha como 'favela turística' são compartilhadas por promotores de políticas públicas e operadores do turismo: apresentada como 'a maior favela da América Latina', é também ponto de observação privilegiado do mar e das montanhas da cidade, além de ser perto dos bairros onde se concentram os hotéis e os turistas. Por fim, os moradores da Rocinha teriam mais familiaridade com estrangeiros (maioria absoluta dos turistas), sendo assim mais receptivos aos visitantes.

Sobre a vista tão elogiada da Rocinha, é importante destacar: sua localização ao lado de um dos bairros mais ricos do Rio de Janeiro também proporciona aos turistas uma imagem contundente da desigualdade social que marca o Brasil: lado a lado, casas precárias e apartamentos de luxo dividem o mesmo visual de mar e céu azuis. Nesse sentido, Freire-Medeiros recupera, a partir do caso da Rocinha, os elementos que compõem a construção da favela como destino turístico já explorado na parte anterior do livro: a curiosidade a respeito da vida dos pobres, combinada com o desejo de conhecer, compreender e ajudar. Mas com um outro importante aspecto: o turismo de pobreza não pode deixar de ser turismo, entretenimento; daí a valorização de uma favela que possa também oferecer uma vista 'de tirar o fôlego' aos visitantes que vêm conhecer o Rio de Janeiro. Assim, como se trata também de entretenimento, visitas a projetos sociais e creches são acompanhadas de paradas em lojas de *souvenirs* e em locais estratégicos para tirar boas fotos com o lençol de telhados das casas da Rocinha, o mar ao fundo, e dos morros do Pão de Açúcar e do Corcovado.

Apesar de oferecerem um pacote parecido (*tours* autênticos a locais pouco acessíveis ao turista comum), Freire-Medeiros identifica pontos de discordância (e de competição) entre os diferentes agentes turísticos operando no local: quem são os legítimos proprietários do termo *favela tour*, que tipo de passeio é mais autêntico

(variando de pacotes com guias locais e passeios à pé aos criticados passeios de jipe) e que forma de retorno dos passeios à comunidade é mais necessário, eficiente ou desejado. Porém, mesmo com essas divergências, aqueles que exploram o turismo na Rocinha estão convencidos que promovem a 'autoestima' dos moradores, pois ajudam a modificar a imagem estigmatizada e negativa que a favela e seus moradores teriam no exterior.

A relação entre favela e violência ocupa um papel importante na indústria do turismo, como afirma Freire-Medeiros. Ao mesmo tempo em que garantem a segurança dos turistas – quando esses visitam as favelas através de agências ou guias locais –, os diversos agentes turísticos falam e alertam sobre a presença dos traficantes de drogas e a insegurança cotidiana sob a qual vivem os favelados. Os guias também explicam aos turistas que a segurança deles está garantida pela anuência dos traficantes com a atividade turística local. A suspeita, não confirmada pela autora, é que nos arranjos para executar os passeios algumas agências paguem pedágio aos traficantes.

Os turistas que consomem a Rocinha turística variam entre estudantes mochileiros, famílias e aposentados. Entretanto, todos parecem partilhar de um ideal de viagem que valoriza locais alternativos e experiências autênticas: muitos já tinham feito *tours* similares em viagens anteriores. Parecem também procurar no *tour* feito na Rocinha a favela idealizada a partir das imagens divulgadas nos filmes (de novo com destaque para *Cidade de Deus*): um lugar sensual e alegre, com pessoas vibrantes e acolhedoras. Os estereótipos apresentados nessas imagens – a pobreza, a violência e a precariedade – não chegam a ser modificados, mas passam a ocupar um lugar secundário nas narrativas feitas sobre a experiência de conhecer uma favela.

Mas, e como reagem os moradores? Aqueles concernidos diretamente pelas dinâmicas do turismo na favela – seja como guias, seja como produtores de *souvenirs* – estão engajados em desconstruir imagens negativas e estereotipadas sobre a Rocinha, mas ao mesmo tempo utilizam outros estereótipos para tornar seu produto mais vendável, seja pelo aspecto artesanal dos produtos, seja identificando a Rocinha com Copacabana e o Cristo Redentor. Mobilizam assim diversos símbolos e constroem também a “sua” favela. Já os 178 moradores entrevistados através de questionários semi-estruturados apresentam uma outra faceta desse fenômeno: 84% dos entrevistados declararam ser a favor do turismo na Rocinha, mesmo sem receber (ou sem ter a expectativa de receber) os dividendos econômicos da atividade. Para muitos, trata-se de valorizar aqueles que buscam conhecer a favela “de verdade”, e que assim ajudam a

desconstruir estigmas e preconceitos, mesmo cientes que o contato entre turistas e moradores é quase nenhum, em função da barreira da língua. Mas o fato de “receberem” estrangeiros interessados em conhecer onde moram é visto por parte dos entrevistados como um elemento importante para a “autoestima” da população local. Ainda que permanecendo como o lado menos potente do debate, sem interferir na forma como o turismo é executado em seus locais de moradia, os favelados conseguem criar para si novos agenciamentos dentro da dinâmica do turismo, seja de forma individual como os guias e artesãos, seja de forma coletiva, através de associações (como na favela Santa Marta), ou seja de forma difusa: mobilizando o turismo como ferramenta na disputa simbólica por uma representação alternativa sobre a favela e sobre si mesmos.

É a partir dessa miríade de percepções, representações e expectativas que Freire-Medeiros constrói um quebra-cabeça sobre o que é, ou deveria ser, a “favela” para os diferentes atores: guias, turistas, moradores, agentes públicos que criam políticas para o turismo nessas cidades, etc. Todos estão disputando versões a partir de elementos que compõem uma favela *genérica*, somente encontrada no imaginário social sobre tais lugares. Assim, não estão em oposição uma versão real ou falsa, mas sim diferentes construções sociais: à favela perigosa e insalubre opõe-se a favela receptiva, afetuosa, alegre, cujos habitantes superam as dificuldades com criatividade e garra. Nesse jogo as “identidades” apresentam-se fluidas, como as vemos *em situação*: “ser” turista é identidade transitória; imagens e *souvenirs* transitam entre atores e entre espaços, e são mobilizadas de acordo com a situação; os guias se apresentam também de acordo com as necessidades da mediação entre esses diversos atores em trânsito; e a identidade de “morador” é construída na interação com a prática turística e com as expectativas em relação a ela.

Essa disputa entre representações assume nos dias atuais outra dimensão e centralidade. Essa favela genérica, que também é a representação imagética e simbólica do problema da violência urbana no Rio de Janeiro – e com aproximações com outros casos brasileiros – precisa ser reformulada para adequar-se ao projeto de cidade que vem sendo construído pelo poder público, no contexto dos Mega-eventos. Esta “nova” favela, em construção, representa uma ainda pouco explorada fronteira econômica dentro do Rio de Janeiro, que também se apresenta como nova mercadoria a ser consumida pelos fluxos globais de investimentos, entre os quais o turismo é um importante mercado. Assim, a 'favela-mercadoria', adequada ao consumo desse circuito internacional, é “pacificada” (é importante lembrar que em algumas favelas com

Unidades de Polícia Pacificadora o turismo é parte da política pública de desenvolvimento local), e nela habita um outro “favelado”: empreendedor e consumidor (do mercado formal).

Ao mesmo tempo, a “favela turística” é um discurso que conforma uma favela real, e por isso apresenta novos desafios para quem estuda o tema. Muitas questões emergem da leitura do livro: não apenas quais favelas serão incluídas no rol dos destinos turísticos, mas também que partes físicas e simbólicas dela? E o que (ou quem) será deixado de fora?

É nesse sentido que o trabalho de Bianca Freire-Medeiros vem contribuir também com o debate sobre a cidade do Rio de Janeiro e suas transformações correntes. O “turismo na favela” é uma oportunidade para discutir novos agenciamentos, dentro do capitalismo globalizado e excludente, por parte do mercado e do Estado, mas também por parte dos subalternos.

Notas

¹ FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na Laje*: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

Resenha recebida em 01/10/2013. Aprovada em 03/12/2013.